



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM LOGOTERAPIA E SAÚDE
DA FAMÍLIA**

MARIA PRISCILA DO NASCIMENTO

**ENTRE VIKTOR FRANKL E ZYGMUNT BAUMAN: O SENTIDO DO AMOR NA
CONTEMPORANEIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2020**

MARIA PRISCILA DO NASCIMENTO

**ENTRE VIKTOR FRANKL E ZYGMUNT BAUMAN: O SENTIDO DO AMOR NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica.

Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos.

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244e Nascimento, Maria Priscila do.
Entre Viktor Frankl e Zygmunt Bauman [manuscrito] : o sentido do amor na contemporaneidade / Maria Priscila do Nascimento. - 2020.

19 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Viktor Frankl. 2. Zygmunt Bauman. 3. Sentido do amor. 4. Logoterapia. I. Título

21. ed. CDD 616.891 6

MARIA PRISCILA DO NASCIMENTO

ENTRE VIKTOR FRANKL E ZYGMUNT BAUMAN: O SENTIDO DO AMOR NA
CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica.

Aprovada em: 29/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba

Lorena Bandeira Melo de Sá

Prof. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá



Prof. Dra. Clara Martínez Sanches

À SEVERINA FRAGÔSO MARTINIANO CAVALCANTE!

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

*Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga*

*Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.*

*Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.*

*Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.*

(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1	Amor na Mitologia Grega e os Tipos de Amor.....	8
2.1.2	Sentido de Amor na Logoterapia.....	9
2.1.2.1	As atitudes do amor segundo a Logoterapia.....	10
2.1.3	Amores Líquidos.....	12
2.1.3.1	Entre Frankl e Bauman: Possibilidades de Diálogo.....	13
3	METODOLOGIA	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	17

ENTRE VIKTOR FRANKL E ZYGMUNT BAUMAN: O SENTIDO DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

BETWEEN VIKTOR FRANKL AND ZYGMUNT BAUMAN: THE MEANING OF LOVE IN CONTEMPORANEITY

RESUMO

O presente trabalho, de cunho bibliográfico e qualitativo, tem como objetivo apresentar o amor na perspectiva de Viktor Frankl, em diálogo ficcional com Zygmunt Bauman, a fim de se compreender o sentido do amor na atualidade. No referencial teórico apresentamos a visão de amor na Grécia Antiga, bem como as teorias sobre o amor desenvolvidas pelo psiquiatra e neurologista vienense Viktor E. Frankl e pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman. Por fim discutiremos sobre os pontos de convergência entre a teoria de amores líquidos, formulado por Bauman e a visão de amor de acordo com a Logoterapia.

Palavras-Chave: Viktor Frankl. Zygmunt Bauman. Sentido do Amor. Logoterapia.

ABSTRACT

The present work, bibliographic and qualitative, aims to present love from the perspective of Viktor Frankl, in a fictional dialogue with Zygmunt Bauman, in order to understand the meaning of love today. In the theoretical framework we present the vision of love in Ancient Greece, as well as the theories about love developed by the Viennese psychiatrist and neurologist Viktor E. Frankl and by the Polish sociologist and philosopher Zygmunt Bauman. Finally, we will discuss the points of convergence between the theory of liquid loves, formulated by Bauman and the vision of love according to Logotherapy.

Keywords: Viktor Frankl. Zygmunt Bauman. Sense of Love. Logotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Temáticas acerca do amor são debatidas desde a antiguidade. Ainda hoje temos a necessidade de estudar e compreender o amor, seus tipos e suas variações ao longo da história da humanidade. Ao refletir sobre os tipos de amor perpetrados hoje em nossa sociedade, autores apontam que as relações se inclinam para a liquidez. Há controvérsias sobre a existência da liquidez apenas na sociedade contemporânea, mas a inquietação sobre o amor e seus modos de operar não são inquietudes apenas de escritores da modernidade.

Em sua obra, Viktor E. Frankl (1905-1997), já esmiuçava sobre o sentido do amor, tornando uma das poucas abordagens psicológicas que discorreram sobre esse tipo de afeto, o retirando do ato meramente sexual. O psiquiatra, filósofo, neurologista e psicólogo (além de fundador da Logoterapia ou a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia) se debruça sobre o sentido do amor e dialoga sobre esse campo dentro da Logoterapia. “Logos” tem origem grega e significa “sentido”. Assim, a Logoterapia é um estudo voltado ao sentido da existência humana. Significando cura pelo sentido, entendendo a pessoa como aquela que busca o sentido (AQUINO, 2011). Sendo reconhecida como um sistema fenomenológico-analítico-terapêutico (PETER, 1943, p. 28).

Cabe destacar que o sentido procurado pelo homem pode ser diverso, entretanto, nesse trabalho iremos nos debruçar sobre o sentido do amor. Parafraseando o célebre escritor francês Blaise Pascal: “O coração [o amor] tem razões que a própria razão desconhece”, essa é umas das frases mais conhecidas entre gerações. Ou ainda, “quem ama conhece razões que a razão não conhece” (PETER, 1943, p. 68). Isso porque o amor sempre foi reconhecido por sua função intuitiva. De acordo com Peter, ele permeia entre o conhecimento não especificamente racional, mas que não implica ser incognoscível (PETER, 1943, p.68). Sabemos que o amor tem o poder de causar emoções ao homem. Muito antes de William Shakespeare levar aos palcos peças teatrais histórias que remetessem dramas acerca do amor, debater sobre esses sentimento era comum entre os homens desde a Grécia.

Mas afinal, o que é amor? É possível que não encontremos uma resposta concreta, afinal, o próprio amor em sua epistemologia tem origem abstrata. Há muitas respostas na qual podemos caracterizar o amor. Existem as explicações filosóficas, religiosas, sociais, culturais, entre outras. Em pleno século XXI, em tempos de redes sociais, há quem diga que o amor passou a ser superficial. Que hoje as grandes indagações são: “Como posso ser amado?” E não: “Como posso aprender a amar?” De acordo com Zygmunt Bauman (2004), sociólogo e filósofo Polonês, estamos numa fase de “amores líquidos”, na qual o mesmo aponta que a fluidez nas relações causam relações supérfluas e relacionamentos rotativos (BAUMAN, 2004).

Sabemos que há vários tipos de amor, entretanto, Bauman (2004) aponta que a modernidade tem facilidade em descartar tudo o que não deseja mais. Tudo é efêmero e descartável. Cabendo essas definições também nos laços afetivos. Frankl por sua vez, descreve sobre o amor o elevando ao nível da transcendência, sendo um “bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana” (FRANKL, 1987, p.31). Frankl não descarta que o amor pode se tornar superficial, principalmente quando o mesmo é associado apenas a sexualidade ou unicamente ao prazer.

Diante dessa discussão, o presente trabalho, de cunho bibliográfico e qualitativo, tem como objetivo realizar uma análise acerca do amor na perspectiva de Viktor Frankl, em diálogo ficcional com Zygmunt Bauman, a fim de se compreender o sentido do amor na atualidade.

O presente artigo ainda será dividido em seis capítulos: 1. Amor na mitologia grega e os tipos de amor; 2. Sentido do Amor na Logoterapia; 3. As atitudes do amor segundo a

Logoterapia; 4. Amores líquidos; 5. Entre Frankl e Bauman: Possibilidades de Diálogo e 6. Considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Amor na Mitologia Grega e os Tipos de Amor

A palavra “amor” surgiu do latim “amore”. Etimologicamente, designa “gostar de alguém”, “preocupar-se”, “sentir afeição”, “sentir desejo por algo ou alguém” (Dicio, Dicionário Online de Português). De acordo com essa perspectiva, o amor trata-se de um sentimento afetuoso a outrem. E esse tema vem sendo explorado desde os gregos, na qual recorreremos a três concepções clássicas da filosofia acerca do amor. Segundo Quadros (2011, p.165), “a língua grega detém as três principais acepções do Amor: *Eros*, *Fília* e *Ágape*”.

De acordo com Lewis (2017), o amor amizade, conhecido como amor *Philos*, está voltado à afinidade mental. O amor *Eros* está vinculado à atração física ou amor romântico e por fim, o amor *Ágape*, é um amor doação, no qual possui ideais espirituais. Sabe-se ainda que todos os seres humanos possuem a capacidade de desenvolver esses tipos de amor simultaneamente.

Os tipos de amor são retratados desde as obras de Platão. Ele os subdivide e descreve sobre cada um deles. Segundo Platão, o amor *Eros* está associado ao amor sexual. *Eros* está retratado na mitologia grega como o deus do amor. Este sendo filho de Afrodite (deusa da beleza) e Ares (deus da guerra). É retratado como um garoto que carrega o arco e flecha, sendo ele alado de cabelos loiros, nomeado na mitologia Romana como Cupido (QUADROS, 2011, p. 165).

De acordo com Lewis (2017), amor *Eros* está ligado ao romance. Para Lewis (2017), “*Eros* é um estado que chamamos de ‘estar amando’; ou, se preferir, aquela espécie de amor em que os amantes estão ‘envolvidos’”. No amor *Eros*, podemos envolver as questões sexuais do ser humano, tendo em vista que o elemento carnal está contido neste tipo de amor. Platão, por sua vez, afirma que o amor ultrapassaria o carnal. Acreditava ainda que o amor possibilitaria uma relação de diálogo entre o mundo dos deuses e dos humanos, sendo ele ainda “responsável pelas artes divinatórias e mágicas” (Cf: QUADROS, 2011, p.166).

Se Platão trata o amor como intermediário, na qual o amor *Eros* está conectado a um parceiro ideal que não existe, Aristóteles por sua vez recorre a *Philia* para a definição de amor. Esse termo é utilizado em sua obra “*Ética a Nicômaco*”, na qual etimologicamente significa “amizade”. Segundo Quadros, Aristóteles acreditava na existência da amizade perfeita dada pelos homens virtuosos que desejavam encontrá-la. Acreditava também que o amor não iria surgir de uma paixão avassaladora, mas de uma amizade, sendo uma relação construtiva. E a *Philia* seria esse elo para conquistar o verdadeiro amor (QUADROS, 2017, 168). O amor *Philia* seria um ato afetuoso de trocas de bondade e virtude entre os homens. Entretanto o homem virtuoso deveria ser genuinamente bom. Logo, se o homem é bom para si, seria bom para todos ao seu redor (Aristóteles, 1984, p. 181-182, apud QUADROS, 2011, p.168).

Lewis afirma que a amizade é uma condição humana não natural, sendo ela constituída devido à criação da sociedade. Todavia, a amizade por sua vez é um estado “tranquilo, luminoso, racional dos relacionamentos livremente escolhidos” (LEWIS, 2017, p. 35). Por isso o amor amizade é recíproco e sincero, por ser trocas de duas pessoas que escolheram cultivar aquela amizade, sem precisar necessariamente de algo em troca ou continuar por imposição.

Aristóteles por sua vez divide a *Philia* em três formas: “a que valoriza a utilidade que o ‘amigo’ representa; a que busca no amigo o aprazível e, o que ele considera como a amizade em seu grau mais perfeito, a busca do homem pelo ‘semelhante em virtude’” (QUADROS, 2017, p.166). Ora, nos dois primeiros casos, a amizade torna-se um meio para alcançar estados que saciam prazeres. Nas relações de amizades perfeitas, essas aproximações ocorrem pela relação de reciprocidade e por uma identidade mútua como aponta Quadros: “a amizade não é um meio, mas um fim. Aqui os homens desejam compartilhar as qualidades mútuas” (QUADROS, 2011, p.166).

O amor *Ágape* difere dos dois citados acima. Ele rege através da doação, sem o ciúme do amor *Eros* e o interesse do amor *Philia*. Ainda de acordo com Quadros, o amor *Ágape* se revela com a caridade e a misericórdia. “Nesse sentido, o exercício desse amor-ágape pressupõe benevolência, complacência, compaixão, indulgência e perdão ilimitados” (QUADROS, 2011, p.169). Ou seja, trata-se de um amor altruísta e sem egoísmos. Não se importa com o desejo de quem ama e sim com a felicidade do amado. Ela pode envolver o ideal espiritual e está voltada à doação e caridade a outrem.

De acordo com Lewis, o amor *Ágape* equivale ao amor-doação. Nesse sentido, ama-se sem interesses e deseja-se ao outro o amor mais puro sem necessariamente existir uma troca. O amor *Ágape*, mais próximo da dimensão espiritual, por vezes pode ser comparado ao amor verdadeiro apresentado por Viktor Frankl. Entretanto, o psiquiatra vienense pontua ainda, neste amor “espiritual”, aspectos na vida dos parceiros.

2.1.2 Sentido do Amor na Logoterapia

Debruçar sobre o sentido do amor na Logoterapia nos propõe fazer um retorno para a antropologia frankliana. De acordo com Frankl, a Logoterapia se sustenta nos seguintes pilares: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido de vida (LUKAS, 1992, p.176).

A liberdade da vontade está relacionada ao pandeterminismo, condição atribuída ao homem em vários construtos e épocas. Ainda segundo Frankl, “a liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, e esta é a vontade de um ser finito. O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele” (FRANKL, p.26). Dessa forma, compreende-se que o homem possui liberdade, mas há também limitações sociais, biológicas, psicológicas, econômicas e culturais.

Por outro lado, o homem dentro do seu espaço é orientado por valores. O homem é livre para aceitar ou rejeita uma dada situação. Ou seja, o homem pode se tornar consciente de suas responsabilidades. Por isso a liberdade não pode ser confundida com libertinagem ou ainda ser construída em torno da ideia de que o homem é onipotente.

A vontade de sentido por sua vez está relacionada ao interesse do homem pela busca de um sentido para sua vida, realizando valores e propósitos. Sendo essa uma necessidade básica que todo homem tem na vida, que é encontrar propósito de sentido. A vontade de sentido, no entanto, não está vinculada apenas a “vontade de poder” como denomina a teoria construída por Adler, nem apenas pela “vontade de prazer”, proposta pela teoria freudiana.

Ainda de acordo com a Logoterapia, o prazer não deve ser transformado em uma orientação primeira ou última do homem, pois esta se transforma em uma tendência autodestrutiva ao próprio homem (PETER, 1943, p.27). Isso implica dizer que Frankl eleva o prazer a um caráter psicológico. O prazer é o que resta quando um ato se esvazia de sua intencionalidade, destruindo o significado que o homem atribuiu ao ato (PETER, 1943, p.27). Ainda na vontade de sentido o homem pode refletir sobre o sentido do prazer fácil, da cultura do ter, das dependências, vícios, entre outras atitudes que podem acarretar o vazio existencial.

O amor, no entanto, é o oposto do prazer. Sendo o amor um fenômeno especificamente humano, estaria para além do estado de sentimento tão vinculado em sua etimologia, tratando-se de um ato intencional. Ou ainda caracterizado como um “ato co-existencial” por se manifestar pelo encontro existencial, estando ele atrelado ao sentido de existência (LUKAS, 1992, p.176).

O sentido de existência por sua vez trata o homem como um ser único e irrepitível. Dessa forma, o ato de amar pode elevar o homem a descobrir o outro no seu caráter de unicidade, enquanto o prazer parece se findar pelo superficial ou aparente, sem estabelecer raízes profundas entre os pares.

Por fim, o terceiro pilar construído por Frankl, trata-se do sentido de vida, na qual Frankl coloca em pauta a busca do ser humano pela realização de sentido, através da vivência de valores. Esses valores podem ser de criação: a capacidade de realizar algo, como por exemplo, a capacidade de trabalho, ou de realizar uma arte, entre outros. Os valores de experiência que se trata de valores vivenciais como a amizade, o amor, afeto, entre outros. E ainda os valores situacionais, ou seja, a postura do homem mediante os conflitos.

Para a Logoterapia, encontra-se o sentido através de uma pluralidade de situações ou caminhos nos quais a pessoa se vê exposta. Estes caminhos estão voltados ao sentido do trabalho, da arte, do amor, da vida, entre outros. Fenomenologicamente o homem pode descobrir o sentido através de três caminhos: quando se percebe capaz de realizar valores de criação, nesse sentido ele percebe que além de dar algo, pode receber também. Ou ainda construindo um valor de experiência. E por fim, as atitudes que o homem toma frente aos seus conflitos quando percebe uma limitação de cunho biológico, psicológico ou sociológico (FRANKL, 1989, p.161).

O amor nesse sentido pode ser experimentado através do valor de vivência. Quando essas atitudes se dão de forma livre e responsável e o homem decide amar gratuitamente sem necessidade de retorno. Segundo Frankl, o “amor verdadeiro” “representa o campo onde de um modo especial são realizáveis os valores de vivência” (FRANKL, 1989, p.172). Ainda no amor, “o amado é essencialmente captado como um ser irrepitível no seu ser-aí e único no seu ser-*assim*, que é o que ele é, concebido como Tu e, enquanto tal, acolhido num outro Eu” (FRANKL, 1989, p.172-173) Ao mesmo tempo, o amor pode remeter a um valor criativo, como por exemplos, os poetas que criam textos acerca do amor, ou compositores que em suas letras recorrem ao amor, entre outros).

Mas qual amor trata-se de um amor de atitude? Na Logoterapia, o amor *Ágape*, descrito na Grécia antiga, trata-se de um valor de atitude, uma vez que não se escolhe o amado pelos bens materiais que possui, mas pelo o que a pessoa é. Tratando-se de um amor que se doa, até diante do sofrimento. Para Frankl, tanto o amor como a consciência são dois fenômenos que caracterizam o homem. “O amor eu diria, constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade [...] Em última instância, cada pessoa é insubstituível; se não por outros, o é por quem o ama” (FRANKL, 1989, p.29).

O amor para Frankl também é graça. “O amor dá àquele que ama uma maior altura no que diz respeito à ressonância humana em face da plenitude dos valores” (FRANKL, 1989, 173). Ou seja, o homem ao entregar-se ao outro experimenta um enriquecimento interior que transcende o outro.

2.1.2.1 As atitudes do amor segundo a Logoterapia

A Logoterapia propõe que o homem não se finda apenas no organismo psicofísico. Colocando o homem nas dimensões biológica, social, psicológica e espiritual. Desse modo, “o ser humano tem a capacidade de posicionar-se espiritualmente frente ao corporal e psíquico e assim tomar uma decisão pessoal” (Corrêa, 2017, p.32).

Dessa forma, o homem como dito anteriormente não é um sujeito impulsionado apenas pelo instinto. Da mesma forma quando está amando. A dimensão espiritual é responsável pelas condições conscientes do sujeito. Além disso, o homem tem a liberdade de escolher as atitudes que melhor se adequará na sua vida naquele momento.

Além da condição valorativa que Frankl atribui ao amor, há ainda as três formas de atitude do homem diante do amor, sendo elas: atitude sexual, atitude erótica e atitude amorosa. Na atitude sexual a aparência física é importante e impulsiona o outro a relacionar-se, pois está ligada a dimensão corporal. Na atitude erótica o homem possui mais que um desejo sexual; ele não fica preso às questões corpóreas e penetra na camada mais profunda do indivíduo, ou o tecido anímico. Essa atitude está atrelada à paixão, sendo ela relacionada à dimensão psíquica. A atitude amorosa por sua vez é a forma mais elevada de atitude humana. Ao aprofundarmos no amor, teremos uma relação direta com o espiritual (FRANKL, 1989, p.174-175). Para Frankl, quem está sob a égide do amor, não se prende às questões corpóreas, “nem comovido com a emocionalidade, antes se acha tocando no mais fundo do seu espírito” (FRANKL, 1989, p.175).

Cabe ressaltar que da mesma forma que há diferença entre amor e prazer, há ainda distinções entre amor e sexo. De acordo com Frankl, o amor não pode ser explicado apenas pelo reducionismo, pois seria meramente o colocar no plano sexual ou pulsional. Ao contrário, o amor constitui um aspecto de autotranscendência da existência humana. Ou seja, “o homem sempre indica um transcender na direção de um sentido, que o homem preenche, ou de um companheiro que ele encontra. E somente na medida em que o homem assim se transcende, ele se realiza” (FRANKL, 1975, p.63). A essência da existência humana de acordo com Frankl está atrelada a autotranscendência. Duas de suas expressões são as capacidades de consciência e de amar (CERQUEIRA, 2017, p.28).

O homem dessa forma só tem completude quando se dirige a uma causa ou a uma pessoa. Porém o amor está para além de um encontro; “não se trata somente de reconhecer no companheiro o elemento humano, mas de identificar nele a singularidade, a originalidade, em uma palavra, a pessoa” (FRANKL, 1975, p.64).

Se o amor é um encontro existencial, e se a sexualidade e a afetividade podem ser vinculadas ao amor, então, o que explica a fragilidade nas relações em nosso século? Para Frankl (1989), o vazio existencial explica a rotatividade de parceiros. A sexualidade nesse sentido é desvalorizada e desumaniza o homem (FRANKL, 1989).

Ainda para Frankl (1975, p.65), “o amor é um relacionamento individualizado com um parceiro. O homem estaria disposto ao relacionamento estável. O amor nesse caso, em constante troca de parceiros trata-se de uma negação do amor”. Esse tipo de relação rotativo causaria assim a morte do amor, supervalorizando assim a sexualidade, que passa a ser desumanizado.

O amor quando se fixa na dimensão psíquica e corporal, ele está preso apenas à paixão ou ainda ao interesse sexual. Frankl nos leva a compreender a capacidade de amar gerando o amor autêntico e verdadeiro, que estaria na dimensão espiritual (LUKAS, 1992). Citando Frankl, Lukas aponta:

Quem ama neste sentido já não está mais excitado em sua corporalidade nem estimulando na sua emocionalidade, mas está tocando sua profundidade espiritual, tocado pelo portador espiritual da corporalidade e do psiquismo de seu parceiro, por seu núcleo pessoal. Amor é então estar voltado diretamente para a pessoal espiritual de quem é amado, para a pessoa no que ela possui de único e irrepetível. Enquanto ao que se envolve sexualmente ou apaixonado agrada uma característica corporal ou uma propriedade psíquica “no” parceiro, portanto, uma coisa que esta pessoa “tem” quem ama, ama não somente algo “na pessoa amada”, mas ama a própria pessoa; portanto, não algo que a pessoa amada “tenha”, mas precisamente o que a pessoa “é” (LUKAS, 1992, p. 124-125).

Seria então esse amor sexual e psíquico próximo ao amor que Bauman retrata? Sendo assim, podemos compreender que a Logoterapia já nos indicava que poderia existir um período na qual houvesse maiores fluidez nas relações, na qual o homem não rompe os prazeres refletindo em relações frágeis.

2.1.3 Amores Líquidos

O que seria da sociedade sem as relações humanas? Sabemos que nossa evolução se dá através das trocas. Desde os primórdios o homem é visto em pares. É através do outro que constituímos nosso eu. De acordo com Bauman (2004, p.47) "o amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros". Sendo assim, o afeto também é direcionado. Cada época, entretanto, tem sua história, seus encontros e desencontros, mas, fala-se que em nossa sociedade as relações estão cada vez menos afetivas.

As relações da atualidade não são feitas para durar, estando nós em um mundo "repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível" (BAUMAN, 2004, p.4). A nossa capacidade de amar estaria então propensas ao declínio? Essa dificuldade afetiva para Bauman ainda estaria ligado ao amor direcionado ao outro como a nós mesmos.

Ainda sob a perspectiva de Bauman, quando se trata do amor entre casais, as tradições vêm se diluindo e a sociedade corre o risco de passar a enxergar o amor como "até que a morte nos separe" cada dia "fora de moda" (BAUMAN, 2004, p.10). Além disso, as relações a dois estariam sempre atreladas ao incerto. As pessoas não atingem mais os elevados padrões do amor, sendo eles ignorados. O sexo avulso conhecido hoje como "fazer amor" é utilizado cada vez mais. A quantidade de pares, de experiência amorosa pode assim alimentar o sentido de que amar é um ato que pode ser adquirido facilmente. E que quanto mais se aumenta as práticas de trocas sexuais, maior o acúmulo de experiência e conseqüentemente teríamos o domínio do "amor" (BAUMAN, 2004, p.10).

O amor líquido para Bauman não está atrelado apenas ao amor dito *Eros*, mas está em estado de liquidez em todas as relações humanas atuais. Isso se dá porque nossa sociedade também é líquida, tendo em vista que todas as relações estão sendo construídas sob a égide dos encontros sem compromisso. Nossos encontros não são mais encontros existenciais, são antes encontros volúveis.

O problema seria então devido à falta de amor? Podemos ter então diversas interpretações. O conceito de amor e suas interpretações em nossa época continuam o mesmo? O amor para Bauman pode advir da vontade de cuidar e preservar o objeto amado, estando ainda relacionada à auto-sobrevivência? Ou amar ainda pode significar estar à "disposição de", tendo ainda responsabilidade e cuidado sobre o outro e seus sentimentos? Tendo cuidado inclusive com o seu próprio sentimento. O amor se orienta ainda através da durabilidade? (BAUMAN, 2004, p.13). Para Bauman "aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade" (BAUMAN, 2004, p. 46). Entretanto, é possível que a afetividade humana esteja cada vez mais enviesada.

Fazer essas reflexões, entretanto, não implica romantizar as relações duráveis de outrora ou atuais na qual são pautadas por violências, sejam elas psicológicas, físicas, verbais, patrimoniais. Além de relações extraconjugais, subordinação feminina, sexo furtivo inclusive realizado por homens, entre outros. Ou ainda voltar ao tempo e tornar positivas as relações na qual as mulheres eram exclusivamente donas de casa e cuidadoras e não poderiam realizar nenhuma outra função. Compreende-se que é possível existir uma evolução nas sociedades e ainda assim existir laços fortes e respeitosos. Bauman envereda inclusive sobre a nossa atual

sociedade, mas em uma crítica sobre o capitalismo e seus consumos, não fazendo um retrocesso sobre as condições de gênero e a posição da mulher em nossa sociedade.

De acordo com Bauman, o modo de se relacionar não se deu por coincidência. Somos nós que criamos a sociedade, e nós quem construímos. As fragilidades nas relações se dão devido uma sociedade de culturas consumistas, com prazeres imediatos e passageiros (BAUMAN, 2004).

O modo de viver, social e culturalmente estaria assim intoxicando nossas relações. As relações ainda ficam atravessadas pela aparência. Logo, apenas um parceiro ou suportar uma relação não é suficiente. Desse modo, surge a rotatividade de parceiros. Parece que não sabemos lidar com as nossas emoções, quiçá as trocas com o outro. “As pessoas procuram parceiros e buscam “envolver-se em relacionamentos” a fim de escapar à aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes” (BAUMAN, 2004, p.20). Atualmente o viver juntos não estaria atrelado a um “fim de”, mas meramente a “por causa de” (BAUMAN, 2004, p.20).

Se nosso comportamento é transversal às dialéticas da sociedade, dentro dessas mudanças, Bauman coloca o advento da tecnologia. Desse modo, as redes sociais e o estar ligado à rede sem as relações presenciais, atenuaria ainda mais a fragilidade das relações. Não obstante, não seria apenas esse novo tipo de inter-relação o culpado pelo modo como estamos guiando os relacionamentos. Segundo Bauman seria tolo e irresponsável culpar apenas as “engenhocas eletrônicas”. Entretanto, defende a ideia que as relações virtuais alimentam a distância física aos conectados. As relações líquidas parecem preferir essa forma de aproximação, paradoxalmente uma aproximação distante. Uma comunicação sem contato físico e que pode ser desconectado a qualquer momento (BAUMAN, 2004, p.39).

As vulnerabilidades das relações ocorrem ainda pela falta de confiança. Sendo esta condenada a vida cheia de frustrações. “Pessoas (sozinhas, individualmente ou em conjunto) empresas, partidos, comunidades, grandes causas ou padrões de vida investidos com a autoridade de guiar nossa existência frequentemente deixam de compensar a devoção” ao outro (BAUMAN, 2004, p. 47).

Em suma, as relações de amor passam pelo crivo social de acordo com Bauman. Entretanto, é preciso romper com as relações superficiais que trazem a fragilidade, e geram ansiedades, para assim, construir uma relação pautada no compromisso, respeitando inclusive a si mesmo nessas relações.

2.1.3.1 Entre Frankl e Bauman: Possibilidades de Diálogo

Diante da afetividade que é o amor, Frankl aponta suas formas de atitudes: atitude sexual, erótica e atitude de amor. Tendo dessa forma suas subdivisões assim como amor, sexo e paixão. Frankl aponta que a atitude de amor, só pode ser encontrada quando se chega a avançar até o cerne espiritual da outra pessoa, somente neste nível a vivência do amor manifesta-se na sua forma mais plena (CERQUEIRA, VICENTE, 2018, p.35).

Enquanto Bauman relaciona o amor líquido às mudanças sociais e a forma de relação com o meio. Com o capitalismo que faz acelerar a criação e uso de produtos. Gerando assim pessoas que criam relações da mesma forma que manejam objetos. Frankl afirma que quando o amor está elevado nas atitudes eróticas e sexuais, o amor transcendente não pode ser alcançado, tornando-se superficial, meramente sexual. Esse movimento, entretanto, se forma com as relações sociais e advém das dialéticas sociais.

Ainda de acordo com Frankl o homem ao realizar o sentido da sua vida têm menores chances de chegar ao vazio existencial. Para Cerqueira, “o homem moderno tem fugido de si

mesmo, tem evitado o confronto com o seu interior e, dessa forma, não tem respondido à vontade de sentido que clama dentro dele” (CERQUEIRA, VICENTE, 2018, p.40).

Frankl enfatiza que não realizar a vontade de sentido faz o homem manifestar sua vontade de sentido na vontade de poder e vontade de prazer. “A mais primitiva forma de vontade de poder é a vontade de dinheiro. Neste caso, o dinheiro torna-se um fim em si mesmo, deixando de servir a um propósito” (cf. FRANKL, 2014, p.121, apud CERQUEIRA, VICENTE, 2018, p.41). A vontade de prazer, no entanto, se apresenta sob a forma de “inflação e compensação sexual” (CERQUEIRA, VICENTE, 2018, p.41).

O amor no estado de liquidez existe, para alguns teóricos, a mais tempo do que conceitua Bauman. Ou seja, a liquidez e fragilidade não são um mal apenas de nossa época. De acordo com Pessoa, Bauman percebe o amor como um ato universal, mas não como um dado cultural que se transforma no tempo (PESSOA, 2018, p.13). Entretanto de acordo com a Logoterapia o amor é um ato intencional, não podendo ser compreendida de forma isolada, precisando ser inserida no contexto geral das experiências humanas ao longo da sua multifacetada existência (CERQUEIRA, VICENTE, 2018, p.27).

Apesar da invisibilidade histórica, podemos compreender que há formas de aproximar às ideias de Frankl as ideias de Bauman sobre o amor, nos fazendo refletir ainda mais sobre o significado do mesmo. Entre os pontos convergentes podemos destacar que amor “não estaria ligado apenas às relações de natureza eróticas instintual com parceiro essencialmente anônimo e basicamente substituível por alguém dotado de qualidades idênticas” (GUEDES, p.78). Assim como aponta Bauman sobre as relações atuais.

Isso não implica dizer que o sexo não é importante no amor, mas ele não é o todo importante, antes do sexo há o ser humano. De acordo com Guedes, nas parcerias de amor autêntico o tu exerce papel predominante. “É preciso ver o ser humano não apenas em seu ser-assim-e-não-ser-de-outro-modo, mas acima de tudo ver o seu poder-ser e seu dever-ser” (GUEDES, 78). Da mesma forma como destaca Bauman apontando a importância de conhecer o outro no seu profundo, de sustentar as adversidades. O ser humano é único e irrepitível, não um objeto descartável. De acordo com Frankl, “a pessoa amada considerada no seu caráter de algo único e na sua irrepitibilidade não é vista como uma pessoa perfeita em todos os seus aspectos, a limitação interior do homem não faz mais do que dar sentido à sua vida” (FRANKL, 2010, p.114, apud, CERQUEIRA, VICENTE, 2017, p.38).

O homem ainda é livre como aponta um dos pilares da Logoterapia, a liberdade da vontade. Nesse caso, o homem é livre para escolher seus pares e qual tipo de relação desejam ter. Podendo assim tomar quaisquer atitudes apresentadas a ele, logo, o homem não é determinado e se reduz apenas a necessidades, estímulos e pulsões, ou seja, não é um impulso sexual apenas que pode levar o homem a ter uma troca com o outro. O homem é livre para, logo ele pode aflorar o amor pela via do respeito.

Discutir acerca do amor é mais que falar sobre sentimentos como aponta Frankl em sua obra. O amor transcende as relações humanas. E apesar dos seus tipos e variações, percebemos que, com exceção do amor *Ágape*, os demais passam por destabilizações.

Frankl, à frente de sua época, discorre sobre o amor apontando para a importância do amor sem necessidade de troca. Igualmente Bauman, quando discorre sobre os amores líquidos, leva-nos a acreditar que apenas o amor visto na Logoterapia é uma saída para modificar o modo como o mesmo é percebido em nossa sociedade na era tecnológica e capitalista.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa de cunho bibliográfico, qualitativo. Sendo ela uma pesquisa básica com o objetivo de explorar a temática sobre amor nas perspectivas de Viktor Frankl e amores líquidos, construto criado por Bauman. Referente à pesquisa para construção

teórica, foram realizadas pesquisas na Biblioteca Eletrônica Científica Online Scielo, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, além de capítulos de livros de Logoterapia. Os trabalhos citados são datados entre os anos de 1978 ao ano de 2019. Foram realizados levantamentos com as palavras: amor, o que é amor? Amores líquidos, Tipos de amor, Amor na atualidade. As pesquisas foram realizadas entre março do ano de 2020 a dezembro de 2020. Após os levantamentos de dado sobre o que é amor, foram realizados fichamentos, em seguida feito uma co-relação entre a teoria de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman em uma análise de conteúdo. A análise de dados da pesquisa será realizada pela Análise de Conteúdo por Laurence Bardin. Segundo Santos, a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (SANTOS, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não tem a pretensão de cair no reducionismo ou fazer do amor uma receita para todos. Nem tão pouco pretende apontar o tipo de amor adequado. O respeito ao subjetivo, ao ser humano, aos tipos de amores e relações humanas são almejados quando falamos sobre amor. A pretensão desse discurso é fazer um resgate sobre o significado do amor adentrando na antropologia frankliana. Para Frankl, não teria como descobrir o sentido do amor sem adentrar na dimensão espiritual do homem ou ainda o reduzindo a impulsos e condicionamentos.

Destaco que, antes de Bauman realizar sua obra, Frankl já possuía um rico trabalho acerca da importância de não colocar o amor como um sentimento trivial. Apesar de sermos seres dotados de liberdade, somos seres também responsáveis. É preciso fazer uma reavaliação das nossas relações consigo mesmo e com o outro.

A ideia de relações líquidas talvez não seja inédita, mas cabe ser posto em debate em nossa sociedade, entretanto, reafirmo, somos homens dentro das dimensões biopsicossocial e espiritual. Dotados de valores e atitudes. Não podemos culpar apenas a pós-modernidade com seus acervos tecnológicos e um mundo “ultraglobalizado”, se a afetividade hoje nos apresenta com falhas, é preciso que nós procuremos uma resposta, pois somos nós quem construímos nossa sociedade.

O amor se apresenta como um discurso que deve ser trabalhado porque, como humanos, é primordial as relações, independente do tipo de amor. Isso não implica voltar aos modelos de relações do passado, mas reavaliar o amor no presente.

Perguntamos ainda o que é o amor aos leitores. Além disso, falar sobre o amor nos é colocado a refletir sobre como o amor é manejado em nossa sociedade. Reavaliando o que é o amor hoje, e mais ainda qual seriam os motivos crescentes dos distúrbios neuróticos sexuais, os crescentes transtornos de personalidade voltada às relações sociais, o motivo de realizar transgressões e dizer que foi por “amor”, entre outras questões que passa pelas relações e apontamos que o “amor” estava envolvido. Ainda pergunto como estão sendo construídas as diferenciações de amor, sexo e paixão hoje, será que são as mesmas respostas da era passada? Se sim, o que mudou? Por que tudo é tão à flor da pele, imediato e volátil? São discursões a serem feitas e debatidas.

Frankl nos aponta que é possível chegar ao amor transcendência, numa relação que nos leve a dimensão espiritual e ao amor autêntico, mas antes é preciso nos trabalharmos. É preciso enfim termos responsabilidades com as relações, com o que eu toco no outro. Tendo

inclusive respeito conosco. Assumir valores e não se deixar nos tornar líquidos, talvez, fluídos.

Em suma, reconhece-se que este trabalho apresenta limitações, sendo necessárias discussões cada vez mais profundas sobre esse tema que não se esgota. Outrossim, espera-se poder contribuir, através dele, com reflexões acerca do amor e como ele se dá através das relações.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T, A.A. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

CERQUEIRA, Elisabeth Kipman; VICENTE, Ronaldo de Oliveira. **O sentido do amor na logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl**. Studium: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade SEDAC. - Ano III, n. 4 (abril/2017). – Várzea Grande: SEDAC, 2017; 106p. Disponível em: < <https://unifacc.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Sedac-Revista-ABRIL-2017.pdf>>. Acesso em 13 de março. 2020.

CORRÊA, João Henrique. **O amor e seu poder formativo: Contribuições da Logoterapia para a Educação**. Studium: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade SEDAC. - Ano III, n. 4 (abril/2017). – Várzea Grande: SEDAC, 2017; 106p. Disponível em: < <https://unifacc.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Sedac-Revista-ABRIL-2017.pdf>>. Acesso em 13 de março. 2020.

EMIDIO, Thassia Souza; SOUZA, Juliana Beatriz Ferreira de. **ATÉ QUE ALGO OS SEPARE”: UM ESTUDO SOBRE O ESTABELECIMENTO E A MANUTENÇÃO DO CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE**. Vínculo - Revista do NESME, vol. 16, 2019. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139459359010>>. Acesso em: 27 de setembro. 2020.

FRANKL, V. E. **A Vontade de Sentido**. Ed. Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. E. (1985). **Em busca de sentido** (W. Schlupp, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

FRANKL, V. E. (1978). **Fundamentos antropológicos da psicoterapia** (R. Bittencourt, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

FIGUEIREDO, Marília Z.A; CHIARI, Brasília M.; GOULART, Bárbara N.G. de. **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali quantitativa**. São Paulo, p. 129-136, abril, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931/11139>. Acesso em 22 de dezembro. 2020.

GUEDES, Simone. **Psicoterapia para todos**. p.77-81. Disponível em: <https://agirtres.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Sobre-o-amor-pags-77-a-81.pdf>. Acesso em 28 de março 2021.

LEWIS, C.S. **Os quatro amores**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Os_quatro_amores.html?id=0_UtDwAAQBAJ&prntsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 09 de dezembro. 2020.

LUKAS, Elisabeth. **Prevenção psicológica**. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1992b.

O'COLLINS, Geraldo. **A alegria do amor (*Amoris Laetitia*): a exortação papal em seu contexto**. Studium: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade SEDAC. - Ano III, n. 4 (abril/2017). – Várzea Grande: SEDAC, 2017; 106p. Disponível em: <<https://unifacc.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Sedac-Revista-ABRIL-2017.pdf>>. Acesso em: 13 de março. 2020.

PESSOA, Leonardo Antunes de França. **Crítica ao conceito de amor líquido em Zygmunt Bauman**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2018. Disponível em:<<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/14816>>. Acesso em: 09 de dezembro. 2020.

QUADROS, Elton Moreira. **Eros, Fíla e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã**. Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/3073/307325341005.pdf>. Acesso em: 09 de dezembro. 2020.

SANTOS, Fernanda Marsaro. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.]. Disponível em:
<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>>. Acesso em 27 de setembro. 2020.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Severina Fragôso por me apontar o conhecimento apesar das adversidades.

À Katarina Paiva e Íris França, psicólogas que me mostraram o amor e a empatia para além da clínica, da teoria. Vocês são mulheres incríveis!

Agradecimentos em especial à Amanda Sabrina e Lindalberto Leal. Foi rico vocês estarem comigo nessa jornada. Não sei o que seria de mim sem os almoços, sem as trocas de conhecimento, sem os sorrisos. Acredito em vocês e sei que a Logoterapia ganha profissionais incríveis!

Aos colegas de curso que geravam bons debates. Os debates foram ricos e instigavam o conhecimento.

Por nossa capacidade de transcender, mesmo diante de uma pandemia que nos assola. Não ficamos no mundo dos “porquês” e sim “para quê”.

Agradecer a secretaria pela atenção, pontualidades e dedicação.

A Gilvan pela oportunidade. Que mais espaços sejam abertos e que a Logoterapia seja alcançada por todos que a desejam. Agradeço ainda por me auxiliar na elaboração do presente trabalho. Sem você ele não estaria tão rico. Grata por tudo!

A José S. Arruda IV que suportou noites e dias em claro comigo na busca de finalizar mais essa etapa tão rica em minha vida.

A José Ikki Fragôso Arruda. Que você viva em um mundo repleto de amor e coragem para amar.